

“O REI DOS CANTADORES DE VIOLA NORDESTINA”: SUA HISTÓRIA E SUA GLÓRIA.

Maria Ivoneide da Silva¹

Resumo

Resgatar a memória do grande repentista Severino Lourenço da Silva Pinto, conhecido como: “Pinto do Monteiro”, através de sua obra, significa contribuir para a preservação da Literatura Popular do Nordeste, no gênero da cantoria de viola nordestina, na sua performance oral. O poeta-cantador Pinto do Monteiro foi um dos maiores representantes da arte do improvisado, por isso merece figurar nos anais da poesia popular como o rei dos cantadores.

Palavras-chave: cultura popular-repentista-memória-performance oral

Abstract

Rescuing the memory of the great repentist Severino Lourenço da Silva Pinto, known as : “ Pinto do Monteiro”, through his works, means to contribute to the preservation of the Popular Culture of the Northeast, in the genre of “Cantoria of the viola in the Northeast”, in oral performance. The poet-singer Pinto do Monteiro was one of the representers of the art of improvisation, that is why he to must to figure in the chronicles of popular poetry like the king of popular singers.

Keywords: popular culture – repentist – memory - oral performance

Severino Lourenço da Silva Pinto, O Pinto do Monteiro, alcança essa recebida graças ao seu nascimento na cidade de Monteiro, na Paraíba, em 21 de novembro de 1896, era filho do tropeiro Francisco Lourenço da Silva e da doméstica Ursulina Lourenço da Silva. Teve dois irmãos: Mariano Bezerra da Silva e Filomena Bezerra da Silva. Sua origem era italiana seus avós,

¹ Orientanda da Prfa. Dra. Doralice Fernandes Xavier Alcoforado, do Curso de Mestrado em Letras e Lingüística da Universidade Federal da Bahia-UFBA.

quando aqui chegaram, misturaram-se com o sangue português. Ele se dizia parente dos Britos.

Sua aparência era esguia, franzina e de estatura alta, também tinha um humor, às vezes variado. Da sua vida amorosa pouco se tem o que contar apenas se sabe que ele teve quatro mulheres, com quem conviveu, sem, contudo deixar descendentes.

Seu poder de criação e elaboração dos versos improvisados era espantoso. A memória e sensibilidade auditiva foram os seus grandes instrumentais para acumulação dos conhecimentos utilizados por esse vate cantador. E como a maioria dos poetas populares que era analfabeto ou semi-analfabeto, Pinto também só aprendeu a ler já na fase adulta, mesmo assim isso lhe foi bastante para o aprimoramento dos seus conhecimentos em História Antiga e do Brasil, além de outros assuntos. Ele lia muito, desde livros didáticos a almanaques e jornais, por isso era bem informado e instruído. E a sua ideologia refletia o pensamento da grande massa dos nordestinos a qual pertencia, ou seja, do homem do povo, do genuíno sertanejo, por isso a sua verve tinha a força e a espontaneidade das grandes vozes que representavam essa região, isto é, o que de mais simplório e verdadeiro essa gente traz no âmago do seu coração.

Sua inteligência e flexibilidade eram demonstradas até ao responder as indagações que lhes eram feitas e ninguém como ele sabia aproveitar essas oportunidades para dar as respostas mais cabíveis e criativas em qualquer ocasião. O cantador Pinto do Monteiro buscava aprimorar seus conhecimentos dentro do próprio pragmatismo existencial. Por isso, logo que aprendeu a ler, lia muito, razão pela qual se mostrava tão versátil e preparado ao defender com seus versos, os mais variados temas dados durante os eventos de cantoria. Além de ser um leitor assíduo ele também era bom missivista visto que gostava de escrever carta para os amigos.

Na arte de versejar era invejável e a exercia com grande afincamento e determinação. Todo o conhecimento adquirido quer através dos livros ou não possibilitaram ao repentista ser exímio no ofício da

cantoria. Ele sabia discorrer, em versos, nas várias modalidades e ainda falando sobre assuntos mais díspares e complexos que fossem como fez em martelo alagoano com o poeta cantador Elza Galdino, ao falar sobre rios, acidentes geográficos e costumes da pesca nas Alagoas e ainda, sobre a fundação da Itália, o que demonstra um amplo saber a respeito da história e geografia daquele país. Compôs também versos falando sobre a viagem de D. Pedro II à Europa, na época em que o monarca fora o nosso imperador bem como a respeito das Américas. E como bom repentista não esqueceu das vaquejadas e das belezas do sertão nordestino, ou seja, de falar das suas raízes culturais com magnífica criatividade poética. Sem contar que versou ainda sobre homens célebres da antiguidade. Tão vasto era o seu repertório. Ele escreveu versos como: “Porque deixei de cantar”. E finalmente mostrou que entendia também de gramática, como atestam os versos abaixo, de sua autoria:

Divide-se em quatro partes
 É a etimologia
 Prosódia e a sintaxe
 A dita ortografia
 Era desta forma que
 Castro Nunes dividia.

O repentista Pinto do Monteiro, a despeito da sua extraordinária grandeza como poeta, era um homem simples e humilde, desprovido de qualquer ambição material, nunca deu grande importância ao dinheiro, tão pouco se fixou em um só lugar. Era um poeta andarilho, seguindo, sempre, sozinho, a sua trilha, cujos passos ninguém conseguia acompanhá-lo.

O poeta-cantador Pinto experimentou muitas profissões antes de sua total e exclusiva dedicação à arte de violeiro. A primeira foi de vaqueiro, também foi soldado da polícia, até lutou contra cangaceiros tais como: Luis Padre, Sebastião Preto, Perilo Santa Fé e Sereno, mas quando Lampião entrou no cangaço, Pinto já estava no Acre, onde lutou contra a malária, ainda foi auxiliar de enfermeiro e até vendedor de cuscuz no Recife. E eis o que dizia o

poeta sobre seu insucesso nessa profissão: “Eu largava o cuscuz e ficava cantando na calçada do mercado de São José”. Ele exerceu então outras profissões e conforme ele mesmo dizia: “Trabalhei nisso tudo, pra aprender as coisas como elas realmente são e, quando cantar, saber o que estou dizendo”. Portanto o seu aprendizado se deu de forma mais empírica, visto que ele só aprendeu a ler e escrever (de início, só seu nome) já adulto com 25 anos de idade, em Recife-PE com a professora Beatriz Ferreira de Lima.

Pinto do Monteiro começou sua vida de violeiro em 1919 e cantou com muitos parceiros de viola, sem perder uma só vez, exceto àquela com Manuel Clementino Leite, no que ele afirmava: “Levei uma surra danada”.

Reconhecidamente, Pinto foi um grande cantador, ainda na época em que havia certa discriminação com os cantadores de viola, aliás, pois como se sabe a Literatura Popular sempre foi considerada “da classe dos excluídos”, a cultura dos oprimidos. Vista como arte menor, mesmo assim, ele pôde saborear a sua reconhecida fama e teve seus momentos de glória. O poeta cantador foi recebido por ex-governador, ministro e até pelo cientista brasileiro César Lattes. Deu entrevista para televisão e foi patrono de uma turma de concluintes de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco. Também participou do Festival de cinema do Guarujá ao lado de João Batista Bernardes, Pedro Amorim, Lourival Batista, Jô Patriota e José Nunes Filho, levado pelo poeta monteirense Jansen Filho. Naquela ocasião Pinto recebeu a Viola de Ouro², por ser considerado o maior repentista do Brasil.

Ele morou em muitas cidades da Amazônia durante seis anos, porém não agüentou a saudade das “lapadas de aguardente” e voltou para o Nordeste (assim dizia Pinto). Ao regressar, fez-se uma

²Nota: Ele participou e foi vencedor em todos os Congressos e Festivais dos quais participou. E no dia 13 de maio de 1972 no Teatro Santa Rosa, na capital paraibana de João Pessoa, recebeu da mão do general Humberto Peregrino a Viola de Ouro, como prova do reconhecimento do povo à sua imbatível força e genialidade de repentista nordestino.

grande roda de gente ao seu redor, todos muito curiosos queriam comemorar a sua volta. Foi quando alguém perguntou se ele ainda bebia, então ele respondeu:

“Quando eu vim da Amazônia
Velho e cheio de defeitos
Mas a boca de beber
Ainda está do mesmo jeito”

Para alguns, Pinto era um grande piadista. Mesmo na velhice, paralítico e doente ele não se mostrava triste, pelo contrário era muito brincalhão. “Brincava muito!” diz a enfermeira e admiradora, D. Elizabete, que cuidava dele.

Devido aos seus versos perspicazes e satíricos, também recebeu a alcunha de “A cascavel do Monteiro” visto que seu bote era certo. O poeta sabia como derrubar o parceiro com a astúcia e o veneno das suas rimas. Nesse ponto ele era bem malicioso.

Na época em que Pinto começou a fazer cantoria foram seus mestres: Saturnino Mandu, Manuel Clementino do Angico Torto e José de Lima, conforme consta no *Dicionário Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada*, de Ática Almeida e José Alves Sobrinho. O aedo contava que na primeira cantoria com Mandu, ele apanhara muito: “Com Saturnino Mandu/ eu não pude me sair/ o velho meteu-me a peia/ deu até o nó cair”. Foi com Manuel Clementino Leite que Pinto realizou o seu segundo desafio, já sobre o poeta Antonio Marinho, ele reconheceu o talento daquele trovador tanto é que falando a respeito dele disse: “Bom baião, boa toada”, mas não deixou de soltar seu veneno: “Comigo ele encontrou a tampa pro seu tabaqueiro!”. Sobre o cantador José Catota, ele assim comentou: “Esse quebrou uma perna/ anda puxando dum pé”. Quanto ao poeta Dimas Batista afirmou: “e bati como quem bate/ em massa pra pão-de-ló”. Enfim, do repentista José Batista Feitosa assim se expressou:

Fiz ele subir sem roupa
Num pé de mandacaru
Comer farinha de pedra

Com leite de cururu.

Performance, como se sabe, implica em competência, ou seja, como *savoir-faire*, e nesse aspecto Pinto do Monteiro foi, sem sombra de dúvidas, um grande mestre. É claro que já não se pode contar com a voz e o canto desse repentista, mas vale lembrar a forma, a facilidade e a habilidade com que manipulava as suas rimas, sempre abundantes e perfeitas, no que contrastava com a sua dificuldade de manipular as cordas da viola. Inabilidade essa que carregou ao longo de sua vida, pois jamais conseguiu tocar bem esse instrumento, entretanto a performance oral do repentista Pinto do Monteiro edificou, com o seu marco, a poesia popular nordestina. Para os apologistas, o forte de Pinto era a rapidez das suas respostas, ele armava o bote e na hora da deixa do outro cantador vinha com sua resposta, ferina e veloz como se fosse uma metralhadora.

O vate monteirense era um grande cantador, sua “veia poética” era encantadora proveniente da maneira de expressar natural, simples, porém elevada e disso, até hoje, ninguém discorda do seu superlativo poético, assim como superlativa fora a sua pobreza durante toda sua existência, mesmo assim não deixou de ser um majestoso artista popular. Desprovido de riqueza material, porém possuidor de um rico espírito criativo. Suas rimas expressam a grandeza desse insuperável poeta repentista. Assim ele se tornou um dos nomes legendários, entre os cantadores de viola nordestina, no Brasil. O maior, dentre eles, graças ao seu extraordinário humor e malícia da sua verve. Notória também a astúcia com que desafiava seu parceiro, como o jornalista Inaldo Sampaio afirma: “Ele gostava de provocação”. Dava à poesia um sabor além do convencional, porém, era a rapidez do seu improvisado um dos traços mais marcantes desse cantador, às vezes era preciso ter um ouvido bem apurado para acompanhar os seus versos porque imensa era a sua agilidade mental sempre atrelado ao seu espírito irônico e irreverente. Malcriado como sempre. “Acabava com o violeiro nas

primeiras linhas”. Recorda Écio Rafael (apologista) que conviveu com o repentista durante o período em que este morou em Sertânia-PE.

Pessoalmente, Pinto do Monteiro não era de muita conversa, por vezes até era considerado uma pessoa aborrecida, chata e um pouco carrancuda, porém raciocinava com tanta rapidez que chegava a tropeçar nas próprias palavras. Era invencível no improviso e gostava de cantar com quem o “provocasse”. E como gostava da peleja! Era num desafio que ele mais se inspirava e revelava o seu talento e a sua genialidade. Por isso gostava de cantar com o repentista Lourival Batista porque ambos sabiam a fórmula exata de provocar um ao outro. Pinto tinha uma agilidade e insolência que era assombrosa, mesmo sendo um cantador monossilábico e sintético, contudo era destemido, audacioso e valente no verso improvisado e quanto mais era capaz o seu parceiro na cantoria mais ele tinha gosto em enfrentá-lo. Sem dúvida foi um grande poeta popular, um mito que deve ser lembrado pelas gerações futuras de cantadores do Nordeste como mostra a homenagem do cantador Ivanildo Vilanova (cujo pai José Faustino foi parceiro de Pinto em muitas cantorias) prestada ao Rei dos Cantadores, num belo comercial para uma rede de supermercado:

Pelo vaqueiro que vaga
 Por Pinto e sua viola
 Por Zumbi, o quimbola
 Conselheiro e sua saga
 Pelo baião de Gonzaga
 E a luta de Virgolino
 O barro de Vitalino
 Pelo menino de engenho
 Poe isso tudo é que tenho
 Orgulho de ser Nordestino.

No decorrer da sua vida, Pinto cantou com centenas de repentistas. Ele foi grande amigo do poeta e editor João Martins de Athayde e sobre o cordelista Leandro Gomes de Barros assim afirmava ele: “Vi falar dele, é do meu tempo, mas não conheci”.

O estilo desse trovador era bastante difícil e personalíssimo,

alguns tentaram até segui-lo, mas não conseguiram graças a sua extrema versatilidade rítmica. Comprovadamente foi o maior cantador de viola, alguns o comparam ao poeta Antônio Marinho que também cantava e tocava muito bem. Este já bem velhinho acompanhava Pinto com um pandeiro porque, conforme alegava: “O volume é mais pequeno/E o pacote é mais maneiro”.

Muitas são as histórias contadas sobre o bardo de Monteiro. Certa vez, cantando com um outro seu colega, este elogiava a hospitalidade do povo do Sertão, terra do velho cantador, e terminou uma sextilha assim:

Não sei medir o tamanho
Dessa gente sertaneja...

Pinto então pegou na deixa e disse, com sua maneira autêntica de sertanejo puro e de versos fáceis:

Que eu esteja em casa ou não esteja
chegue, entre e arme a rede
coma se estiver com fome
beba se estiver com sede
se quiser se balançar
empurre o pé na parede.

De outra feita, numa dessas suas grandes e ferrenhas lutas, em seu desafio o parceiro termina uma sextilha assim:

Quando eu for para o outro mundo
vou lhe promover a galo...

Aí facilmente, Pinto jogou esta sátira:

Se eu gozar desse regalo
concedendo a providência
quando eu for pra o outro mundo
havendo esta transferência
você vai como galinha
para a mesma residência.

Pinto era verdadeiro cantador de repente. Bem diferente dos que normalmente se conhece que seguem uma rotina. Ele não.

Respondia ao que lhe perguntasse e revidava conforme era ferido. Numa cantoria, seu colega querendo atacá-lo, disse:

Aqui nesta cantoria
eu quero deixá-lo rouco...

Pinto, com sua inesgotável idéia, responde:

Cantar com quem canta pouco
é viajar numa pista
com um carro faltando freios
o chofer faltando a vista
e um doido gritando dentro
atola o pé motorista.

Em toda cantoria há o momento dos elogios, em que o cantador faz uma exaltação ao ouvinte, para agradá-lo e para que a paga seja recompensável. Em uma delas, o velho Pinto elogiava um sujeito e tudo fazia para agradá-lo. O camarada foi se retirando e não deu sequer um tostão. Pinto notou que ele tinha uma verruga no rosto e, o velho rei do repente imediatamente deferiu sobre o sujeito esta sextilha:

Eu não posso confiar
em cabra que tem verruga
cachorro de boca preta
terreno que não enxuga
comida que doido enjeita
e casa que cigano aluga.

Em uma peleja em Sertânia-PE, cidade vizinha a Monteiro-PB, onde viveu seus últimos anos, O seu parceiro, naquela ocasião, era o cantador João Batista Bernardo, o João Furiba. Foi então que uma linda jovem, chamada Carmelita entrou na sala e Furiba provocou Pinto, quanto a sua virilidade cantando:

Ela é bastante Carmelita
Para abraçar o senhor!

A resposta pretensiosa de Pinto, que àquela altura andava perto dos 80 anos de idade, foi:

Se for acocho de amor,
 aceito e fico contente.
 Se ela for carinhosa
 e me arrochar novamente,
 de nove para dez meses
 o padre batiza gente!

Um outro momento marcante de sua carreira foi o embate com o repentista Severino Milanês que está registrado na antologia *Literatura de Cordel*, publicada também em 1982. Esse encontro com Milanês, violeiro de Bezerros (PE), foi na cidade de Vitória de Santo Antão, em que o pernambucano começou irônico:

Pinto, você veio aqui
 se acabar no desespero.
 Eu quero cortar-lhe a crista,
 desmantelar seu poleiro.
 Onde tem galo velho
 pinto não canta em terreiro.

Só que o troco dado pelo velho bardo foi demolidor, como se pode vê a seguir:

Mas comigo é diferente:
 eu sou um pinto graúdo.
 Arranco esporão de galo,
 ele corre e fica mudo.
 Deixa as galinhas sem dono,
 eu tomo conta de tudo.

A verdade é que Pinto foi um dos ases da cantoria de viola. Ele participou de Cantorias, Congressos e Festivais, onde era ovacionado pelo público que estava presente nesses eventos, como aconteceu no teatro Santa Isabel em Recife (PE), na noite de cinco de outubro de 1948. Naquele momento o repentista Lourival Batista cantou com Pinto do Monteiro para uma grande platéia, que lotou o teatro. Lourival Batista, entusiasmado com os aplausos, fez de improviso esta sextilha:

A cantoria vai boa

E os versos são colossais...

Nesse instante, aproximou-se um fotógrafo que, de cócoras, bateu uma foto dos dois violeiros. E Lourival continuou:

Pinto, aí da tua banda
Acocorou-se um rapaz
Assim nessa posição
Eu não sei o que ele faz!

Pinto aproveitou a “deixa” do colega e completou:

Chegou ali o rapaz
Começou a se bulir
Focou na cara da gente
E eu vi a luz explodir
Pensei até que era um bicho
Que nos quisesse engolir.

Lourival, imediatamente descreveu o resto da estória em versos:

Pinto, eu não sei distinguir
Se ele é da praça ou da aldeia
Pois quando se acocorou
Meu sangue tremeu na veia
A foto pode ser boa
Mas a posição foi feia.

Em outra ocasião, cantando na cidade de Prata (PB) com Antônio Marinho do Nascimento, sogro de Lourival Batista, outro gênio do repente, Pinto ouviu do companheiro a “provocação” que estava esperando no final dos seguintes versos:

Mas, tenha muito cuidado
Com as raposas daqui

Esse desfecho obviamente, tinha a ver com os animais, ou seja, o medo que naturalmente a galinha tem de raposa. No que Pinto não se intimidou e rebateu vorazmente:

Aonde eu chego, não vi
Mal que não desapareça
Raposa que não se esconda

Bravo que não me obedeça
 Letrado que não me escute
 Cantor que não endoideça.

Também o poeta Manoel Galdino Bandeira cantava com Pinto, em Jatobá, sertão paraibano, quando improvisou esta sextilha para provocar o bardo do Monteiro que por ali passava:

Pois, quem tem vindo ou Estado
 Aonde Bandeira mora
 Se vem cantar, perde a rima
 Porque lhe falta a sonora
 Ensaca o pinho às carreiras
 Se desculpa e vai embora.

Ora, Pinto não se deu por intimidado e arrebatou cantando:

Posso ir a qualquer hora
 Quando o tirar do engano
 Vou pegar sua “bandeira”
 Quebro o mastro, rasgo o pano
 Pra lhe mostrar quem sou
 Me transformo num tirano.

No desafio poético, a falta de amabilidades com qualquer que fosse o cantador era uma constante, principalmente ao rebater as provocações. Se o adversário fosse ruim, apertava o cerco. Se, por outra fosse bom, a disputa fervia. Ele era implacável. Uma vez, no auge da disputa, ele respondeu a Lourival Batista que se vangloriava do talento que tinha:

Ninguém edifica marco
 Nas margens do meu riacho
 Se edificar com as mãos
 Com os pés eu boto abaixo.

Num mourão malcriado, com o repentista Gato Velho, Pinto o derrotou da seguinte maneira:

Pinto:
 Eu vou pegar Gato Velho
 Pra dar no conhecimento

Gato Velho:
 Eu vou me montar em Pinto
 Pra fazer dele jumento

Pinto:
 Se essa praga em mim pega
 Você vai servir de jega
 Para o meu divertimento.

Ao ser perguntado sobre os maiores repentistas, Pinto não titubeou e afirmou: “Foi o sogro e o genro”. E quando o poeta Job Patriota fez essa mesma pergunta, ele foi mais direto dizendo: “Do meu tamanho mesmo, só Louro e Antônio Marinho. O resto é assim do seu tamanho”. Quanto ao vate Rogaciano Leite, considerado, discípulo da Cascavel, Pinto o coloca no rol dos grandes poetas, chamando-o de “monstro”.

No Festival de Violeiros de Olinda, em 1984, o cantador João Furiba (João Batista Bernardo), homenageou o velho mestre, presente nesse acontecimento.

Seu verso hoje é açude
 Que abarota a represa
 Rio que não perde a água
 Planta que possui beleza
 Gênio que desdobra o mundo
 Por conta da natureza.

Da peleja com Manuel Galdino Bandeira ficaram registrados esses versos:

Manuel Galdino:

Manoel Galdino Bandeira
 de São José de Piranha,
 dá grito no pé da serra,
 chega estremece a montanha,
 cantador nas minhas unhas
 ou corre ou morre ou apanha.

Pinto do Monteiro:
 Eu como ando em campanha,
 no solo paraibano,
 se eu pegar sua bandeira,
 queimo a haste e rasgo o pano,

que o remendo menor,
pra costurar leva um ano.

No tempo que Pinto dominava o sertão com suas cantorias, os baiões de viola eram feitos nas bodegas (vendas), nas casas de fazenda ou nas pontas de rua. Os violeiros tinham admiradores fiéis e às vezes os seguiam em lombos de burros ou a pé. Certa vez, cantando com João Furiba, numa cantoria fraca, o dinheiro na bandeja estava pouco, aí Furiba para mexer com Pinto quis dizer que o poeta monteirense já não atraía os admiradores, e falou assim:

Sei que cantando com Pinto
Não se ganha mais dinheiro

A resposta veio afiada de forma mordaz:

Se quiser ganhar dinheiro,
Quando chegar em Sumé
Vista uma saia apertada,
Bote a sandália no pé,
Mele a cara de batom
E se dane pro cabaré.

Ficou famosa a peleja entre os cantadores Pinto do Monteiro e Severino Milanês como se pode ver em alguns versos abaixo:

Milanês:
Para um pinto é bastante
um banho de água quente
um gavião na cabeça
uma raposa na frente
um maracajá atrás
não há pinto que agüente.

Pinto:
Da raposa eu tiro o couro
De mim não se aproxima
O maracajá se esconde
O gavião desanima
Do dono faço poleiro
Durmo, canto e choco em cima.

Milanês:
Pinto, cantador de fora

Aqui não terá partido
 Tem que ser obediente
 Cortês e bem resumido
 Ou rende-me obediência
 Ou então é destruído.

Pinto:
 Meu passeio nesta terra
 Foi acabar sua fama
 Derrubar a sua casa
 Quebrar-lhe as varas da cama
 Deixar os cacos na rua
 Você dormindo na lama.

Muitas foram as homenagens a Pinto do Monteiro, como por exemplo esse tributo prestado pelo poeta José Virgulino de Alencar, em 30/09/2003:

O verso que é bom verso,
 que é verso verdadeiro,
 é o verso que bem canta
 o grande Pinto de Monteiro.

Ouvir Pinto de Monteiro
 é ouvir poesia pura,
 o verso bem desenhado,
 dia claro, noite escura,
 tempo alegre, tempo triste,
 que por toda a vida dura.

Esse Pinto vem do óvulo
 bendito de sua mãe,
 é Monteiro, é montanha,
 não duvide, não estranhe,
 o Pinto junto ao Monteiro
 dele não existe quem ganhe.

Patativas, quantas há
 por esse mundo inteiro,
 cantam muito, cantam bem,
 mas o cantador primeiro,
 maior entre os maiores,
 só há Pinto de Monteiro.

Monteiro, terra feliz,
 pisar no teu chão eu sinto
 a verdade que se diz
 sobre um vate bem distinto,

que usa o nome Monteiro
com o pré-nome de Pinto.

Em 1995, foi realizado o XI Festival de Violeiros, e naquela oportunidade o poeta Jabitaca apresentou as seguintes estrofes:

O Nordeste sente falta
Do seu maior cantador
Seu vaqueiro destemido
Almocreve, tangedor
Seu seringueiro valente
Gênio maior do repente
Peça de raro valor

Ficar mais tempo entre nós
Tinha Pinto esta esperança
Mas a idade o venceu
E a morte por vingança
Deu ao corpo eterna calma
Para o céu levou a alma
Pra nós só deixou lembrança

Foram muitos os repentistas que cantaram com o velho mestre do Pinto do Monteiro como por exemplo: Saturnino Mandu (apanhou bastante, na sua 1ª cantoria), Manuel Clementino Leite (2ª cantoria), José de Lima (esses três primeiros foram os seus mestres), Severino Milanês, Antônio Marinho (sogro de Lourival Batista), João da Catingueira (sobrinho de Inácio da Catingueira), Zé Gustavo, Lino, Joaquim Vitorino, Assis Tenório, Zé Limeira, Zé Pretinho de Caruaru, João Fabrício (Serra Velha), Aristo José dos Santos, Laranjinha, Zé Agostinho, Agostinho Cajá, Lourival Batista, Job Patriota, Zezé Lulu, João da Piaba, Zequinha, Zé Palmeira, Edésio Vicente, Zé Jabitacá, Zé de Cazuza Nunes, Manuel Filó, João Furiba (João Batista Bernardo), Zé Galdino, Expedito Sobrinho, Elza Galdino, José Catota, Dimas Batista, José Batista Feitosa, Zé Pequeno, Pedro Amorim, Rogaciano Leite (seu discípulo), Heleno Pinto (irmão), Manuel Galdino Bandeira, José Faustino (pai de Ivanildo Vilanova), José Jabitaca, Mocinha da Passira, Gato Velho, Agostinho Cajá, Domingos Martins Fonseca, José Nunes Filho, dentre outros.

Pela sua genialidade muitas foram às alcunhas dadas ao repentista paraibano como se pode constatar a seguir:

- **Um dos Maiores Vultos da Viola** - por João Vicente Machado Sobrinho. João Pessoa - PB.
- **Um dos Ases da Viola** - por Inaldo Sampaio.
- **O Papa dos Violeiros** - por Zé Marcolino.
- **O Maior Poeta Repentista de Todos os Tempos** - por Otacílio Batista.
- **Poeta Superlativo, Astussíssima Raposa, Cobra das mais Venenosas, Cascavel do Monteiro** - por Maria Alice Amorim.
- **Gênio da Cantoria** - por Djair Freire (fotógrafo)
- **O Maior Poeta Popular de Todo o Brasil** - pelo Marchand Giuseppe Baccaro.
- **Cacimba Inesgotável** – pelo apologista Ésio Rafael.
- **O Rei dos Cantadores de Viola** – encontrado em enciclopédias, livros, folhetos e jornais Deita.
- **Personalidade do Século** - pelos formandos de 2001, Monteiro-PB.
- **O Maior Vulto da Viola** - O ABC dos Folhetos.
- **Gênio do Improviso** - por Nicodemus Pessoa (jornalista), Santa Rita-PB.

Sobre a sua trajetória de vida e obra ficaram os seguintes registros de Pinto do Monteiro:

- Dois LPs:
- Pinto do Monteiro: 1) *Vida, Poesia e Verdade*, produzido pela Fundação Joaquim Nabuco; 2) *Pinto do Monteiro e Zé Pequeno: Acelerando as Asas do Juízo*.
- Participação em filmes — *Nordeste: Cordel, Repente, Canção*. Dirigido por Tânia Quaresma (Filme Super-8).
- Entrevista concedida a Djair Almeida Freire em 11/04/1983 em Sertânea-PB.

- Fitas cassetes com cantorias de Pinto do Monteiro.

Sem sombra de dúvidas ele foi um gênio da cantoria, figura legendária que honrou e enalteceu a cultura popular com a sua autenticidade e maestria ao elaborar com arte os versos em forma de canção improvisada. Contudo, apesar da sua vida simplória e das condições precárias em que vivia, essa condição humilde de vida do poeta não ofuscou a grandiosidade do seu talento, visto que por onde ele andou deixou as marcas da sua arte em forma de poesia pura, simples e bela.

Já no final da vida, o cantador se encontrava cego e paralítico, porém lúcido. Ele partiu deste mundo e entrou para a glória como o maior expoente da cantoria no repente, um gênio do improviso e como tal assombrou os lugares por onde passou. E como recordava o poeta, ao cantar como estreante um dia alguém o alertou: “Se você continuar assim, vai cantar de assombrar o mundo³”. E assombrou mesmo! Ele superou os noventa anos, aliás passando dos oitenta como cantara uma vez Exedito Sobrinho:

Pinto tem setenta anos
Talvez não chegue aos oitenta.

No que Pinto assim revidou:

Eu vivo é cento e quarenta
Achando a vida moderna
Escorado na bengala
Coxeando de uma perna
Quem me domina é Jesus
Como nenhum me governa.

De 1988 até a morte, Pinto permaneceu em Monteiro (PB), embora desejasse morrer em Pernambuco, Estado que lhe havia dado uma aposentadoria, como reconhecimento da sua prodigiosa profissão e lá residiam muitos companheiros de viola. Esse sonho,

³ Nota: Quem afirmou isso, segundo o apologista e poeta popular Zé Moura (José Moura de Oliveira), foi o cantador cego: Cesário José de Pontes.

ele não realizou, entretanto, ficaria para semente, como havia garantido, nesses versos:

Quando os velhos morreram
Os que ficam cantam bem
Dudu passou de Marinho
Por mim não passa ninguém
Eu vou ficar pra semente
Pra século sem fim amém.

Realmente sua semente prodigiosa brotou na memória e na história da Cantoria. Tanto é que até hoje ele é lembrado pelos grandes repentistas da atualidade, principalmente por todos aqueles que conheceram ou que dele se lembram porque reconhecem, admiram e respeitam Severino Lourenço da Silva Pinto como o maior repentista de todos os tempos.

Entregue à morte por absoluta falta de opção, ele morreu numa noite de domingo, 28 de outubro de 1990. Aos 94 anos de idade o Rei dos Cantadores de Viola, deixou inscrito o seu nome nos anais da fama.

Na arte da cantoria Severino Lourenço da Silva Pinto realmente foi o maior, por isso jamais será esquecido. E por tratar-se de um autêntico nordestino o repentista retratou um pouco desse contexto, pois lá viveu e cantou a história do seu povo de maneira simples, porém bastante criativa e original. Ele foi um grande artista na disputa do improviso, enfim, ele enalteceu, com o seu dom de versejar a cultura brasileira, de modo especial e particular a nordestina. Esse talentoso cantador ofereceu o que de melhor e mais singelo existe na performance da cantoria de viola. Seus versos remetem à compreensão identitária do “ser nordestino”, pois distingue e identifica culturalmente o modo de ser específico do povo sertanejo. Por tudo isso a memória de Pinto do Monteiro deve ser guardada como acervo patrimonial e artístico da cultura popular. Sua lembrança servirá de símbolo que se perpetuará no tempo, pois se manterá sempre viva e presente nos registros escritos e na memória, contribuindo para que outros poetas possam seguir o seu

exemplo e assim valorizar, cada vez mais a Literatura Popular na sua oralidade.

Severino Lourenço da Silva Pinto — O Pinto do Monteiro merece por tudo isso, toda a honra e respeito, bem como figurar nos anais da poesia popular, como o que ele consagradamente foi: **O Rei dos Cantadores de Viola do Nordeste.**

Referências

AMORIM, Maria Alice: Pinto do Monteiro.
<http://www.secrel.com.br/jpoesia1pmont04.html>

BATISTA, Francisco das Chagas. **Cantadores e Poetas Populares.** Ed. F.C. Batista Irmão, 1929.

BATISTA, Sebastião Nunes. **Antologia da Literatura de Cordel.** Natal: Fundação José Augusto, 1977.

BENJAMIN, Walter, **Magia e Técnica.** Tradução de Sérgio Paulo Romanet, 7. edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

COUTINHO, FILHO, Francisco. **Violas e Repentes:** repentes populares em prosa e verso, pesquisas folclóricas no Nordeste brasileiro. 2. ed., Rio de Janeiro/Brasília: Leitura/INL, 1972.

DANTAS, José de Souza: **Cordel — Cantadores Repentistas e Poetas Populares.** S.l., Usina de Letras, 2003.

FOUCAULT, Michael. Genealogia e Poder In: *Microfísica do Poder.* Trad. e Org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HAVELOK, Eric. A Equação oralidade-cultura escrita: uma fórmula para a mente moderna. In OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy (Org.). **Cultura Escrita e Oralidade.** Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1995. p 17-34.

HELIO, Mano — **Jornal da Poesia - Pinto do Monteiro:**
<http://www.secrel.com.br/jpoesia/pmonto2.html>

MATOS, Cláudia Neiva de; TRAVASSOS, Elizabeth; MEDEIROS, Fernanda Teixeira de (Org.). **Ao Encontro da Palavra Cantada — Poesia, Música e Voz.** Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2001.

ONG, Walter J. Alguns Teoremas. In: **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra.** Trad. Enid. Abreu Dobranszky. Campinas: Papirus, 1998.

RAMALHO, Elba Braga. **Cantoria Nordestina: música e palavra.** São Paulo: Editora Terceira Margem, 2000.

_____. **Cantoria Nordestina: novo enredo para o Metro Cantado.** Tese inédita no concurso de Professor Titular da UECE, 2001.

15. SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo.** Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

SOBRINHO, João Vicente Machado. **Revista Caros Amigos,** 72 edição, 2004, João Pessoa-PB.

ZUMTHOR, Paul. Conclusão. In: **Introdução à Poesia Oral,** Trad. Jerusa Pires Ferreira, São Paulo: Editora Hucitec, 1997.